

CONTO DE DOIS IRMÃOS

Mario Pereyra

E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles. Então lhes propôs Jesus esta parábola:... Certo homem tinha dois filhos... (Lucas 15:2, 3, 11-32)

Dois grupos de pessoas, com perspectivas opostas, reuniram-se em torno de Jesus – os pecadores notórios em busca de perdão e esperança, e os líderes religiosos justos aos seus próprios olhos, à procura de outra oportunidade para desacreditá-Lo. Por meio destas memoráveis histórias que Jesus contou naquela ocasião – a da ovelha perdida, da dracma perdida e do filho pródigo – ilustrou Ele o plano divino para sua salvação. Ao chegarmos à última parábola, não podemos deixar de identificar-nos com um dos personagens deste comovente drama.

Os dois irmãos, que aparecem nesta história, não somente simbolizam os dois grupos que estavam ouvindo atentamente a Jesus; eles também iluminam nossa própria condição e resposta individual às propostas de Deus. O contraste é claro; o filho pródigo – representando os pecadores arrependidos – acaba usufruindo a festa de “boas-vindas ao lar”, oferecida pelo pai, ao passo que o filho mais velho – os críticos líderes religiosos – está notavelmente ausente da jubilosa festa.

Todavia, Jesus conclui abruptamente sua história, precisamente quando a celebração está começando. O diálogo entre o pai e seu filho crítico arrefece a tempo, e somos deixados indagando a respeito do seu desfecho. Por quanto tempo continuou o pai pleiteando com o filho mais velho, argumentando em favor do perdão? Recusará ele finalmente o convite de seu pai? Esta história constitui o drama humano reduzido aos seus componentes básicos – o amor persistente de Deus pleiteando com a auto-suficiência e rancor da humanidade. O resultado, com suas implicações escatológicas, depende da decisão da vontade individual, em um convite graciosamente aceito.

A história expressa também o conflito entre comunicação e ausência de comunicação. Ouvimos o filho mais moço pedindo ao pai sua parte da propriedade, desperdiçando-a em relações sociais superficiais, conversando com o proprietário dos porcos, falando consigo mesmo, e então confessando seus pecados ao retornar finalmente ao lar. Também ouvimos o irmão mais velho, ao vir do campo, perguntando a um dos servos o que está ocorrendo; e então, iradamente, discutir com seu pai, acusando-o de espalhafatoso favoritismo. Vemos as forças que favorecem a comunicação, o perdão e a harmonia, lutando para vencer a obstinada resistência do ressentimento e inveja. Como terminará o drama?

Jesus contou esta inolvidável história das complexas relações humanas, com a finalidade de enfatizar o papel da graça divina, a possibilidade de perdão e restauração. É uma história de alienação e regresso ao lar, de tristeza e alegria, de obediência formal e arrependimento

sincero. A linguagem é simples e direta, as circunstâncias são familiares e fiéis à realidade. Mas sob a superfície da despreziosa história encontramos sutis nuances sociais e espirituais. E nos vemos a nós mesmos retratados na parábola.

Perfil dos fariseus

Com hábeis golpes, o Mestre esboça o perfil psicológico do irmão mais velho. Quais são os processos mentais, qual é a disposição emocional, quais os sonhos acariciados e as mais profundas ansiedades desse filho aparentemente fiel e obediente?

É claro que ele tem pensado em deixar o lar paterno. Talvez este pensamento tenha ocorrido mais freqüentemente desde a partida do seu irmão mais novo, a fim de satisfazer suas paixões reprimidas participando dos prazeres do mundo lá fora. Este tipo de paródia emocional é comum entre parentes, especialmente irmão ou irmã. A diferença aqui é que o irmão mais velho nunca teve a coragem de enfrentar seu pai, exigir sua herança, deixar a segurança do lar e correr os riscos da aventura.

O irmão mais velho tinha fácil acesso ao seu quinhão da propriedade. Poderia também ter partido, seguindo os passos do seu irmão mais novo. Por que não o fez? Era isto lealdade, obediência, ou temor? Suas palavras zangadas provam que ele se achava desconfortável ali. “Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua” (verso 29). Tinha ele reprimido seus amargos sentimentos que o aprisionavam em seu próprio cárcere emocional? Que misteriosas cadeias o amarravam ao lar paterno? Incluía elas a covardia? Ele não tinha permanecido ali porque valorizava suas bênçãos. Mais provavelmente, ele permaneceu por causa da inércia, da inabilidade de romper com as regras da tradição, ou do “temor da liberdade”, como Erich Fromm o chamaria.

Os psicólogos têm descrito este fenômeno que congela o desenvolvimento emocional no estágio da adolescência. Cria uma fixação no passado e uma simultânea paralisia espiritual. A condição causa profunda frustração. Os indivíduos lidam com isto de diferentes maneiras. Alguns procuram afogá-la nas drogas, álcool, ou contínuas atividades sociais e relacionamentos superficiais. Outros preferem a distração do trabalho infundável. O irmão mais novo escolheu as primeiras formas de escape, ao passo que o mais velho escolheu a última. Ele havia lutado para manter uma restrição aos seus desejos secretos, tentando, através do trabalho árduo, justificar-se diante de seu pai e de sua própria consciência.

Por que alguns escolhem esta abordagem? Talvez porque se convençam de que estão vivendo o tipo de vida correto, que estão agindo decentemente e sendo justos. Sendo que este procedimento requer considerável esforço, eles esperam receber reconhecimento e louvor por sua conduta exemplar – um medalhão social de mérito. Quando eles deixam de receber tal reconhecimento, toda a fachada desmorona. É então que a decência forçada e a falsa religiosidade dão lugar a aberto ressentimento e amargura. O coração egoísta, lutando por sua própria salvação, revela agora sua absoluta nudez.

Pais e filhos

Alfred Adler, fundador da escola de psicologia individual, analisou habilmente o papel de cada criança na estrutura familiar, segundo a ordem de nascimento. Ele observa que o filho mais

velho geralmente goza da concentrada atenção da família. Esta posição privilegiada chega a um doloroso fim quando nasce outra criança. Agora, a atenção dos pais deve ser partilhada. O irmão mais novo, assim, emerge como um potencial e, freqüentemente, verdadeiro rival.

Adler observa que, quando este “destronamento” ocorre depois que o filho mais velho atinge no mínimo a idade de três anos, a criança já começou a estabelecer seu próprio estilo de vida, e pode expressar verbalmente seus sentimentos de perda e desprazer. Quando o irmão rival aparece antes desta idade, o processo ocorre em um nível mais profundo e pré-lingüístico. Observando a dinâmica social implícita na parábola, podemos especular que o primeiro foi o caso dos dois irmãos.

Ao longo da sua vida, o filho mais velho tende a manter uma apaixonada lembrança do passado, do tempo em que ele era o centro das atenções. O papel da autoridade e da manutenção das regras tem sobre ele uma atração especial. Estas influências precoces impelem muitos filhos primogênitos a se inclinarem para posições conservadoras.

Adler observa que todos os filhos podem ser “destronados”, exceto o caçula, o mais novo. Ele sempre será o último na seqüência, mas geralmente o primeiro nas afeições da família. Este filho se beneficia do estímulo psicológico e intelectual provido pelos irmãos e irmãs mais velhos, e freqüentemente os surpreende em desenvolvimento. (É interessante refletir sobre contextura psicológica de personagens bíblicos tais como Abel e Davi, que parecem ajustar-se a esse exemplo).

O filho mais novo é, depois do mais velho, o mais provável a ser estragado. Ele sempre quer ser especial e singular. Às vezes, padece de sentimentos de inferioridade, porque todos os demais da família são mais velhos, mais fortes e mais experientes.

A história de Jesus inclui um terceiro personagem – o pai. Ao longo do drama, ele é o único que tenta ajudar seus dois filhos a crescerem emocional e espiritualmente. Arrazoa com eles, perdoa-lhes, e procura levá-los a um relacionamento harmonioso, tanto consigo quanto um como o outro. Sentindo intuitivamente suas lutas, o pai procura salvá-los de suas sombrias prisões emocionais e guiá-los em direção de uma vida madura e satisfatória.

Uma história com um fim em aberto

A parábola, conforme a conhecemos, permanece inconclusa. Por quê? É porque o filho mais velho deve dar a resposta final? Ou porque a história requer também a nossa resposta?

É verdade que a Bíblia – especialmente os Evangelhos – não pode ser lida como se fosse qualquer outro livro. Seu conteúdo inspirado não foi dado a nós para mera informação ou entretenimento. Deus fala pessoalmente a cada um de nós em Sua Palavra. Sua mensagem requer um coração atento e responsivo. Contando Jesus a história, requer que assumamos nela um papel.

Ao retratar este drama humano, Jesus reduziu seus personagens a um escasso mínimo – um pai e dois filhos. Mas, após observar o tamanho de muitas famílias bíblicas, é possível imaginar nessa família a presença de mais dois filhos entre o mais velho e o mais novo.

Um deles poderia ser o filho ou a filha que deixa o lar paterno para jamais retornar. Desgraçadamente, alguns dos filhos de Deus mergulham na loucura do mundo e sucumbem ao seu abraço fatal. O outro poderia ser o filho ideal, aquele que sempre permanece com o pai, trabalhando alegremente em casa, gozando da sua companhia e, finalmente, estabelecendo ali o seu próprio lar. É aquele que rejeita as vazias tentações do mundo, aquele que sofre profundamente quando seu irmão deixa o lar, ora pelo seu regresso e, jubilosamente, ajuda a preparar a festa de boas-vindas. A maioria de nós, porém, se enquadra mais naturalmente no papel de um dos dois filhos descritos na memorável história de Jesus. Com que personagem se identifica você?

Os críticos literários classificam muitas das criações dramáticas seja como comédias ou como tragédias. As primeiras têm um final feliz; as últimas terminam em calamidades. Como classificaríamos este drama humano? A história de Jesus não se encaixa nitidamente em qualquer destas categorias, porque o seu remate, a sua conclusão ainda está sendo escrita. Eu e você somos os autores das linhas finais. As decisões que tomamos hoje em resposta às propostas de Deus determinarão sua conclusão final.

Mario Pereyra, conferencista e escritor, pratica psicologia no Sanatório e Hospital Adventista de River Plate, Entre Rios, Argentina